

[Digite texto]

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR LITORAL
LICENCIATURA EM ARTES

A PRÁXIS DA ARTE-EDUCAÇÃO: entalhando interações, aprendizagens e docência
na vivência do Projeto Político Pedagógico da UFPR - Setor Litoral

Matinhos, junho de 2015.

[Digite texto]

Jessé Castro Ramos

A PRÁXIS DA ARTE-EDUCAÇÃO: entalhando interações, aprendizagens e docência
na vivência do Projeto Político Pedagógico da UFPR -Setor Litoral

Trabalho de Conclusão de Curso -
Memorial - orientado pela Prof^a. Dr^a.
Suzana Cini Freitas Nicolodi para
obtenção do título de Professor
Licenciado em Artes

Matinhos, junho de 2015.

[Digite texto]

AGRADECIMENTOS

A Deus Pai – O primeiro Escultor.

À Deusa Espírito Santo – Mãe Doadora de Vida.

A Deus Filho – Jesus que ensina a partilha.

A meu pai Prof. Onofre, cuja curiosidade para aprender só era comparável a disponibilidade de Ensinar.

À minha mãe Dona Neide que soube administrar a pobreza com imensa generosidade.

A meus filhos Guilherme e Samuel e minha filha Maria Cláudia, acadêmicos como eu que me ensinam a ser pai e a importância de estudar.

À minha companheira Édina, meu primeiro e último amor, minha mestra, que com suas (minhas) filhas Marina e Carolina me ensinam a vivência numa família estendida.

À Prof^a. Dr^a Suzana, minha mediadora e orientadora, amiga de muitos projetos, companheira de lutas e sonhos que teve comigo uma interação cultural e humanística profunda, com confiança, cumplicidade e parceria e, sobretudo por conseguir me mostrar o que se passava comigo, a prestar a atenção aos meus sentimentos, instigando o sensível pedagógico em mim.

Ao coletivo “Águas de Março”, às comunidades caiçaras, aos mestres e todas as pessoas que sustentam e revitalizam o nosso Projeto Político Pedagógico.

Sou incapaz de traduzir a minha gratidão e admiração à Prof^a Dr^a Jussara Araújo (*in memoriam*).

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

1. DESDE A MENINICE: EXPERIÊNCIAS COM A ARTE EM MADEIRA.....	4
2. AS EXPERIÊNCIAS DA FORMAÇÃO ACADÊMICA: RECONHECENDO-ME PROFESSOR DE ARTE NO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DO SETOR LITORAL.....	5
2.1 ENTRELACES ENTRE O CONHECER, COMPREENDER, PROPOR, AGIR ... A EXPERIÊNCIA DOS PA'S, ICH'S E FTP'S.....	6
2.1.1 AS ÁGUAS DE MARÇO.....	6
2.2 AS INTERAÇÕES CULTURAIS HUMANÍSTICAS ME FAZENDO PROFESSOR.....	9
2.3 NEM TUDO FORAM FLORES, TAMBÉM HAVIA PEDRAS PELO CAMINHO.....	15
2.4 A ARTE-EDUCAÇÃO NO QUARTEL.....	16
3 AS EXPERIÊNCIAS NARRADAS PELOS APRENDENTES DA ARTE EM MADEIRA E A INTERAÇÃO CULTURAL E HUMANÍSTICA.....	18
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APÊNDICE

[Digite texto]

LISTA DE SIGLAS

APMF- Associação de Pais, Mestres e Funcionários

BR- Brasil

FICH- Festival de Interações Culturais Humanísticas

FTP- Fundamento Teórico-Prático

GDL- Gestão Desportiva e do Lazer

ICH- Interação Cultural Humanística

LINCON- Linguagem e Comunicação (curso)

PA- Projeto de Aprendizagem

PPC- Projeto Pedagógico do Curso

PPP- Projeto Político Pedagógico

PR- Paraná

TCC- Trabalho de Conclusão de Curso

UFPR- Universidade Federal do Paraná

RESUMO

Este memorial com o qual concluo a graduação de Licenciatura em Artes é resultado de experiências de vida e da formação acadêmica com a arte-educação dedicada ao ensino do entalhe e escultura em madeira. Tem por objetivo refletir sobre os nexos vividos nessas experiências com as proposições de espaços pedagógicos presentes no Projeto Político Pedagógico – PPP - da UFPR - Setor Litoral. Objetiva ainda destacar a potência destes eixos para a vivência de um processo de arte-educação mais livre e interativo durante a formação e que se configurou para além dos estágios curriculares. Fundamento este artigo com autores como Dewey (2010) e Larrosa (2002) sobre o valor da experiência; apresento os princípios do PPP da UFPR Litoral, dos seus três eixos pedagógicos que são o Projeto de Aprendizagem- PA, Interações Culturais e Humanísticas - ICH e Fundamentos Teórico-Práticos – FTP; apresento também os objetivos do Curso de Licenciatura em Artes. Reflito sobre esses elementos e seus objetivos naquilo que propus e experimentei em meu PA, destacando a experimentação do ensino do entalhe e escultura em madeira com a comunidade universitária e não universitária em diferentes momentos e espaços. Nas in/conclusões desta trajetória e memorial me sinto contemplado com o reconhecimento de que foi nos modos de ensinar e interagir que estes espaços pedagógicos do PPP do Setor Litoral permitiram reconhecer-me e gostar de ser professor e que neles, também, pude perceber que muitos se constituíram artistas.

Palavras-chave: Experiência; Arte-Educação; Docência; Entalhe e escultura em Madeira; Projeto Político Pedagógico

APRESENTAÇÃO

A arte é uma manifestação humana na busca de comunicar-se consigo, com o outro e com o transcendente. Desde tempos imemoriais, seja por motivos religiosos, espirituais ou o amor ao belo, a humanidade vem produzindo várias formas de arte. É parte de todas as culturas, seja em pintura, em escultura, em adereços para enfeitar o corpo, no local de moradia ou no de adoração.

A matéria prima fundamental com que expresse meu fazer artístico, o suporte por excelência é a madeira. Em nosso país, rico em florestas são conhecidas algumas centenas, talvez milhares, de árvores distintas que se prestam para os mais variados usos como na construção de casas, barcos, armas, utensílios de uso doméstico, industrial, etc...

Ao longo de mais de quarenta anos de contato diário com este material que muitas vezes chegou às minhas mãos ainda úmido de sua seiva vital bem como sob forma de pedaços centenários fossem de móveis antigos, restos de embarcações, árvores, entre outros, nunca havia me perguntado sobre a origem da palavra madeira, até que recentemente um amigo-aprendiz de entalhe me apresentou um livro intitulado Paraná de Madeira (MIRANDA, 2005) e lá encontrei, pela primeira vez tal definição trazida do dicionário Houaiss: “ A palavra ‘ madeira’ tem sua origem no vocábulo latino *materia* que significa: matéria, madeira de construção, assunto, objeto.

Em vez de difundir o vocábulo lenha (tal qual o italiano, *legno*), o jargão dos carpinteiros adotou para a língua portuguesa ‘madeira’ como o termo de uso corrente para a sua matéria-prima, dando-lhe o sentido de *materia* e consagrando-a como material de construção por excelência”. Curiosamente esta citação, apesar de ser de um dicionário de domínio público foi buscada em Braga (2003) e é destaque para o livro Paraná de Madeira (2005) que trata exatamente de casas e edificações de madeira que foram construídas ao longo da história do Estado do Paraná.

Busquei o Dicionário Houaiss¹ e lá encontrei também a seguinte descrição:

¹ Acessado em 02/04/15 In. <http://www.dicio.com.br/madeira/>

[Digite texto]

Parte lenhosa das árvores, constituída de fibras e vasos condutores da seiva bruta, e aproveitada em construção e trabalhos de carpintaria e marcenaria. Madeira de lei, a que, por ser mais rija e mais resistente ao tempo e ao cupim, se emprega em construções de envergadura (vigamento das casas, mastreação e cascos de navios) e móveis. (As mais comuns madeiras de lei são o carvalho, o cedro, o jacarandá, o mogno, o gonçalo-alves, o pau-marfim, a sucupira, a peroba).

O mesmo dicionário apresenta ainda outros sinônimos para madeira como lenha, lenho e pau. Assim, minha matéria, meu objeto, meu assunto gira em torno da madeira e fico feliz com as descobertas que ela ainda me proporciona.

Em 2011, ao entrar no curso de Licenciatura em Artes, me atraía mais a parte concernente à Arte do que a Licenciatura. Mesmo sendo filho de um mestre no trabalho em madeira, que ensinou a muitos, inclusive a mim, não me pensava como professor. De certa forma a experiência de estagiar numa escola tradicional de ensino médio, em que pese a boa receptividade tanto dos discentes como dos docentes e gestores, reforçou meu desconforto com esta forma de ensino. Mas havia a possibilidade da educação não formal, nosso PPP permite vãos novos, complementares ao cumprimento dos rituais de escola comum, seus estágios ou o ensino da arte dentro de uma estrutura com pouco ânimo para a vida criativa. E foi a partir da educação formal mais criativa do nosso PPP que usei outros espaços de compartilhamento de saberes, pois concordo com Gohn (2010, p. 23) na sua posição de que a educação não formal não invalida ou dilapida a formal, pelo contrário “a educação não formal ou não escolar é mais ampla, extrapola os muros, mas pode penetrá-los também. A escola não é território proibido às práticas educativas não formais, ao contrário deveria incorporá-las”

E deste desconforto pude sair ao viver outros espetáculos e por isto procuro neste memorial, refletir de forma especial sobre os movimentos de educação não formal no ensino de artes visuais, dentre elas a escultura e o entalhe em madeira. Reconheço que esta é apenas uma faceta dentre as quatro linguagens - Arte Visual, Música, Dança e Teatro - que são trabalhadas no Curso de Licenciatura em Artes da UFPR, Setor Litoral, mas neste recorte encontrei um caminho para integrar uma experiência de vida e de novas descobertas, especialmente a do gosto de ensinar.

1 DESDE A MENINICE A EXPERIÊNCIA COM A ARTE EM MADEIRA

Sendo artesão, escultor e entalhador em madeira, experiência vivenciada desde a infância e que me foi oferecida pelos meus antepassados de origem açoriana que se fixaram no litoral norte do Rio Grande do Sul. De maneira muito especial devo meu gosto pelo trabalho em madeira ao meu pai Prof. Onofre Machado Ramos. Onofre foi um artista completo, poeta, compositor regionalista, trabalhou em circo, fez teatro, rádio, professor de marcenaria de entalhe e escultura em madeira. Foi ainda sacerdote da Igreja Anglicana. Ele era um artesão muito criativo, sensível, que sabia trabalhar também com metais, chifre, osso e couro. Meu pai amava a arte, adorava aprender, descobrir coisas novas, mas sobre tudo adorava ensinar tudo o que aprendia.

Desde a infância, eu e meus irmãos fomos instigados pelo entusiasmo criativo de meu pai a sermos livres diante da produção da arte. Conheci muito cedo a emoção de fazer algo bonito com minhas próprias mãos e sentir orgulho ante a admiração de outros pelo meu trabalho. Para nossa família, o trabalho manual era fonte de prazer, de realização pessoal e também parte da luta pela sobrevivência.

É preciso lembrar que neste tempo, décadas de sessenta e setenta as crianças eram convocadas para o trabalho nas famílias mais humildes e não raro numerosas.

Éramos oito irmãos e colaborávamos no sustento da casa; tínhamos tempo para o estudo e o lazer, normalmente livre: jogar futebol no campinho, soltar pandorga, banho no açude, jogar bolita, andar de bicicleta, pescar etc... entre tantas opções era igualmente divertido fazer nossos próprios brinquedos: carrinhos de lata, arco e flecha, carro de lomba, pandorgas... Minhas habilidades manuais me possibilitaram, nesta época, ganhar algum dinheiro vendendo brinquedos para meus amigos, porém foi aproximadamente aos onze anos que comecei a ter aulas de marcenaria, na mesma escola técnica onde meu pai era professor. Meu pai tinha permissão para usar a oficina da marcenaria em outros horários além do regular e nestes momentos o acompanhávamos... E como aprendemos!

[Digite texto]

Situo alguns elementos da minha experiência pessoal com a criação e a arte e de forma não menos importante também situo as aprendizagens da formação acadêmica, estas marcaram de forma muito especial minha vida madura.

2 AS EXPERIÊNCIAS DA FORMAÇÃO ACADÊMICA: RECONHECENDO-ME PROFESSOR DE ARTE NO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DO SETOR LITORAL

Conforme o Projeto Político Pedagógico da UFPR - Setor Litoral, a formação acadêmica deverá ser sedimentada pelas aprendizagens de Fundamentos Teórico-Práticos - FTP para permitir conhecer e compreender a questão social e suas demandas, numa reflexão-ação íntima com o Projeto de Aprendizagem – PA - de cada acadêmico e com Interações Culturais e Humanísticas - ICH- que irão sustentar seu propor e agir, cooperando para impactar o desenvolvimento sustentável desta Região, resultante dessa forma/ação. Esse Projeto, baseado nestes três eixos pedagógicos distintos e complementares – PA – ICH e FTP² - me deu a oportunidade de vivenciar algo que sempre fez a alegria do meu pai e mestre, compartilhar os saberes e com eles aprender, refletir e buscar fazer melhor.

Reforço esta posição com a afirmação da colega de Curso, Naila Maina, que afirma em seu TCC (Maina, 2014, p. 11)

A experiência relatada nesse artigo tem ainda como base o desenvolvimento dos diferentes momentos de aprendizagem acadêmica do Projeto Político Pedagógico da UFPR Litoral: do “conhecer e compreender” em sua primeira fase; passando pelo “compreender e propor” e finalizando com o “propor e agir”. A investigação sobre a Arte Educação em Morretes - PR, tem como intuito contribuir com os acadêmicos desta Licenciatura. Incentivar o fortalecimento de parcerias com a comunidade externa, como também com a leitura do seu currículo acadêmico a partir das materialidades e reflexões experimentadas neste contexto.

A sistematização que se apresenta é fruto ainda da assessoria da Prof^a Dr^a Suzana Cini Freitas Nicolodi que me acompanhou em todos os semestres de minha

² Para maiores detalhamentos vide: http://www.litoral.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2015/02/PPP-UFPR-LITORAL_Set-2008_Alteracao_Dez-2008.pdf

[Digite texto]

formação, mediando meu Projeto de Aprendizagem -PA, as Interações Culturais e Humanísticas - ICHs e este memorial, o que permitiu um entrelaçamento destes espaços de formação e vivência ao longo de quatro anos, sem interrupção

É desta experiência que vivi desde meu pai e agora juntamente com professores, colegas, técnicos e comunidades por onde a UFPR Litoral atua que busco refletir como sujeito que se constrói professor em uma licenciatura em Artes.

2.1 ENTRELACES ENTRE O CONHECER, COMPREENDER, PROPOR, AGIR ... A EXPERIÊNCIA DOS PA'S, ICH'S E FTP'S

Neste espaço busco trazer os movimentos que geraram meu percurso na formação acadêmica a partir dos pressupostos do conhecer-compreender-propor e agir entrecruzados com as múltiplas potências que o PA – ICHs e FTPs têm na sua natureza de espaços acadêmicos de interação com a materialidade da vida, o subjetivo humano, a fruição estética e os projetos políticos coletivos. Então, comigo Jessé, enquanto pessoa coletivizada, foi assim que aconteceu...

2.1.1 AS ÁGUAS DE MARÇO

Em março de 2011, enquanto o Japão era sacudido por terremotos que causaram vítimas em grande escala e contaminações radioativas oriundas de usinas nucleares que ficaram semidestruídas, uma tragédia de grandes proporções também acontecia na Litoral do Paraná. Depois de muitos dias de chuvas intermitentes houveram deslizamentos de grandes proporções (árvores, terra e pedras) das montanhas que formam a serra de nossa região conhecida por possuir a maior área contínua de mata atlântica preservada do Brasil.

Ainda hoje, quase cinco anos depois, é possível ver as “cicatrizes” provocadas pelos deslizamentos que marcaram estes morros; nem as contenções que foram realizadas anteriormente foram suficientes para suportar tais eventos e resultaram em derrubadas das barreiras que protegiam as pistas da BR 277, especialmente nos trechos próximos às entradas para a cidade de Morretes. A interdição em vários

[Digite texto]

trechos rodoviários, a destruição de pontes e inundações provocou um caos em várias comunidades da região litorânea, em especial nos municípios de Antonina, Morretes, Paranaguá e Guaratuba.

Como é comum nestes casos, são as pessoas mais empobrecidas que estão estabelecidas nas regiões de maior risco ambiental e, assim sendo, muitos que já tinham pouco, perderam tudo: casas, plantações, animais, documentos, utensílios... Propriedades foram “varridas” e, não há exagero de linguagem nesta afirmação.³ A comunidade rural conhecida como “Floresta de Morretes” ficou irreconhecível, a ponto de alguns moradores não conseguirem identificar sinais de suas casas. Até o rio que corta a região mudou seu curso.

No dia 11 de março de 2011 estava me mudando do Estado do Rio Grande do Sul, onde vivi quase 50 anos, para o litoral do Paraná, onde começava uma nova fase da minha vida pessoal ao lado da minha companheira e sua filha. Conseguimos com dificuldade e por caminhos alternativos, chegar até Matinhos. As aulas começariam no Setor Litoral no dia 14, segunda-feira, mas muitos estudantes estavam com seus familiares em situações diversas isolados, desalojados e/ou desabrigados; os transportes terrestres enfrentavam sérias limitações, inclusive de Curitiba para a região. Emergencialmente a Direção da UFPR Setor Litoral convocou a todos que pudessem para no domingo dia 13, se reunirem para organizar ações de socorro e de alternativas frente à crise estabelecida, juntamente com os órgãos de defesa civil, criando frentes de trabalho e reflexão, na busca de soluções cooperadas que permitissem “esperançar” de novo. (RIOS, 2008)

Minha companheira, professora neste Setor da UFPR e eu nos juntamos a esse processo de conhecer-propor e agir em uma situação inusitada para esta Universidade e para a maioria de seus integrantes. As reuniões aconteciam na tenda – maior espaço coletivo da época – eram abertas e foram delineadas ações imediatas, de médio e longo prazo. Muitas propostas de trabalho e campanhas para resolução de demandas emergenciais foram implementadas por parte do nosso Setor, mas as dificuldades eram imensas⁴.

³ <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/chuvas-causam-tres-mortes-no-litoral-desabamentos-isolam-cidades-475f96s0sq75wrsjwyv9nbmtq>

⁴ <http://www.litoral.ufpr.br/litoral/node/497>

[Digite texto]

Este tempo de sofrimento e luto, talvez tenha sido na história dos então cinco anos da UFPR Litoral, o momento mais rico e intenso de integração com a comunidade, marcando definitivamente a formação daqueles que vivenciaram tamanha mobilização.

Passei a acompanhar as ações da turma 2009 de Serviço Social, que orientados pela Profª Édina Mayer Vergara, se engajaram fortemente na intervenção junto às famílias atingidas e então refugiadas em espaços urbanos e rurais. Percebi de imediato que minhas habilidades de artesão, entalhador e escultor em madeira poderiam ser úteis uma vez que havia muita madeira disponível assim sendo, tão logo foi possível viajar mais facilmente de Matinhos a Morretes, acompanhava semanalmente os estudantes de Serviço Social e de alguns outros cursos – em especial de Agroecologia, Artes e Gestão Ambiental que se juntaram para atuar em conjunto.

Comecei a ensinar técnicas de entalhe e escultura em madeira em um espaço urbano público chamado Estação das Artes, gerido pela Associação Municipal dos Artesãos de Morretes. Este espaço é próximo do local de acolhimento de quatorze famílias que ficaram sem suas casas. Hoje reconheço que se tratava de um processo rico de educação não formal porque tinha uma “abordagem na mesma linha da educação social [...] prática educativa desenvolvida junto a comunidades compostas por populações em situações de vulnerabilidade social ou algum tipo de exclusão social” (GOHN, 2010, p.26) e a mesma autora a um ano antes do acontecimento de março de 2011 escreveu que “ se recorre à esta forma educativa para auxiliar/suprir condições estruturais que aqueles indivíduos [vulnerabilizados] não possuem, aproxima-se de uma técnica aplicada para gerar reações positivas em situações de negatividade.” (GOHN, 2010, p.27)

Mesmo sendo experiente na prática de trabalhos com madeira, nunca havia ensinado a alguém, fui tendo que me lapidar como professor desde antes ao ingresso na licenciatura em Artes. Defini alguns parâmetros de segurança uma vez que se lida com ferramentas cortantes e não havia limite de idade para os aprendizes. Também não limitamos a oferta das aulas para os atingidos logo outras pessoas da comunidade juntaram-se ao grupo, o que propiciou boas trocas e mais solidariedade.

[Digite texto]

Uma dificuldade que logo se apresentou foi a falta de ferramentas para todos. Não é fácil encontrar no mercado nacional ferramentas para um trabalho tão especializado e que sejam de boa qualidade. Meu pai, que ainda vivia, havia confeccionado ferramentas e disponibilizou dezenas delas para serem distribuídas sem ônus, o que passou a viabilizar mais intensamente a proposta.

Por todo o semestre nos encontrávamos na Estação das Artes para as aulas, eram jovens, adultos e até algumas crianças. Esta experiência me trouxe muita satisfação pessoal e me ajudou a conhecer um pouco mais da cultura local. Em julho de 2011, prestei vestibular e me tornei oficialmente parte da comunidade acadêmica da UFPR. O aprofundamento da relação com o PPP do Setor, no qual minhas ações já estavam integradas se fez naturalmente. Na verdade, nunca me senti um calouro na UFPR Litoral.

2.2 AS INTERAÇÕES CULTURAIS HUMANÍSTICAS ME FAZENDO PROFESSOR

Quando tive que optar por uma ICH, busquei logo alguma que tivesse relação com trabalhos manuais e passei a integrar a ICH Feito a Mão, mediado pela Prof^a Lenir Maristela Silva; nesta cada pessoa era incentivada a partilhar suas habilidades, por esta razão passei a ensinar entalhe para meus novos colegas e também a pessoas da comunidade. A Prof^a Lenir não somente acolheu e estimulou o meu trabalho como levou as atividades do ICH Feito a Mão para Morretes, e assim pude continuar a ensinar entalhe para o grupo anterior reunido na Estação das Artes e aos integrantes da ICH, experiência que fez reforçar os aspectos de formação humana e cultural deste eixo pedagógico do nosso PPP, inclusive porque as famílias continuavam em situação de abrigamento e completa falta de perspectiva para suas vidas, conforme noticiado ao completar um ano do acontecido⁵.

Sou muito grato à Prof^a Lenir que me ofereceu preciosas contribuições e me incentivou a oferecer uma ICH exclusivamente de entalhe e escultura em madeira⁶. Seguindo sua sugestão convidei a Prof^a Suzana para ser mediadora da ICH de Entalhe

⁵ <http://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2012/03/um-ano-apos-enchente-moradores-seguem-em-abrigos-no-litoral-do-pr.html>

⁶ Como resultado de nossa atuação no ICH Feito a Mão, encontra-se exposto no Setor um painel com várias obras desta interação.

[Digite texto]

e Escultura em Madeira e também para orientar meu Projeto de Aprendizagem que tratava do mesmo tema e gerou esta narrativa⁷.

Para não ficar restrito apenas a uma área de atividade, decidi participar também de outro espaço de reflexão, a ICH Café com Polêmica, mediado pelos professores Mauricio Cesar Fagundes e Silvana Hoeller. Assim, nas tardes de quarta-feira eu oferecia o ICH de entalhe no Setor, mediado pela presença constante da Prof^a Suzana e à noite participava dos interessantes debates da ICH Café com Polêmica. Religiosidade, Fé, Saúde foram temas bastante aprofundados através dos relatos dos participantes e convidados. Aprendemos um pouco sobre o idioma Esperanto, o Movimento Rosa Cruz, dentre outros.

O ICH de entalhe trouxe muita visibilidade para a minha arte e me colocou em contato com estudantes de vários cursos e, sob a orientação da Prof^a Suzana, solicitei aos colegas que fizessem breves relatórios escritos das atividades de cada encontro como um diário de bordo, bem como a atribuição de significados dessas atividades para cada participante. Até mesmo pessoas que participavam da ICH, sem ter vínculo acadêmico com a UFPR, escreveram suas impressões⁸.

O resultado era compartilhado ao fim do semestre e sempre me trouxe muita alegria. Nos momentos destas partilhas me sentia com a motivação renovada para continuar ensinando o que sabia. Da mesma forma nossa exposição de trabalhos no Festival de Interações Culturais e Humanísticas – FICH⁹ - eram momentos de apreciação e gratificação.

Em pouco tempo e ao longo desta ICH muitas pessoas desenvolveram suas habilidades com trabalhos de alta complexidade e cooperaram com outros colegas em suas descobertas e criatividade. Devido ao sucesso deste ICH, no segundo semestre de 2013 tivemos que dobrar a oferta de vagas. Assim, durante um semestre, apesar das condições precárias do local de trabalho no pátio do Setor, oferecendo minhas ferramentas e, muitas vezes a madeira utilizada, ofertamos dois turnos – manhã e tarde – sempre com boa procura e participação.

⁷ Vide Apêndice

⁸ Alguns destes documentos estão anexados neste trabalho.

⁹ O FICH é o momento em que todos os ICHs apresentam suas construções semestrais em um evento coletivo, realizados nos turnos matutino e noturno para todas as turmas.

[Digite texto]

Além do já mencionado, todas as tardes das segundas-feiras, durante um ano pelo menos, fomos ao Morro Alto – comunidade rural, da Mata Atlântica, no município de Morretes, no sítio do Sr. Cristiano e Sra Rosângela. Esse é um dos lindos lugares que foi bastante devastado nas enchentes de 2011. Com vários moradores da região realizamos muitas tardes de oficinas de entalhe. Nesse espaço, muitos outros estudantes da UFPR Litoral e alguns docentes também estiveram presentes. Este trabalho se estendeu por mais de um ano, merecendo a visita e uma tarde de conversas com o Prof. José Pacheco (Escola da Ponte, Portugal) acerca das possibilidades educativas na vida daquela comunidade.



Fonte: Facebook Carlos Alberto Porto

Os resultados dessas oficinas podem ser conhecidos através de exposição uma no Teatro da Cidade que aconteceu durante uma Conferência Municipal em que

[Digite texto]

estiveram presentes comunidade e autoridades. Os próprios artistas puderam na ocasião, falar de suas experiências com o entalhe e a escultura.



Fonte: Facebook Carlos Alberto Porto

Estes artistas participavam quinzenalmente dos encontros da ICH de entalhe no pátio da Universidade. Foi em um desses encontros que a Sra. Maria Aparecida dos Santos, uma dona de casa, agricultora que cursou o ensino primário, moradora de uma localidade chamada Sambaqui, próximo ao Morro Alto, me disse que nunca pensou que um dia estaria na Universidade junto com seus estudantes, aprendendo a fazer arte.

[Digite texto]



Fonte: Facebook Carlos Alberto Porto

O trabalho no Morro Alto me trouxe muita alegria e amizades especiais, despertando nos moradores que dele participaram um gosto especial por esta arte. Foi também parte de uma ação importante na organização do trabalho da Associação de Pais, Mestres e Funcionários – APMF – da escolinha Morro Alto que, a todo tempo foi ameaçada de fechamento.

Juntamente com outros estudantes do Setor e, orientados pelos professores Édina Vergara, Silvana Hoeller e Maurício Fagundes, participamos de ações do Projeto de Extensão de Educação no Campo.

Esse foi um período de Intensas trocas e aprendizados, éramos sempre recebidos com muito carinho e alegria e, lentamente, neste processo, fui me fazendo professor em pequenos gestos, na medida em que recolhíamos madeiras no entorno do sítio do Sr. Cristian e Sra Rosângela para transformá-las em belas esculturas de garças, galos, bois, bem como entalhes com representações de coisas dos seus

[Digite texto]

cotidianos. Seguindo os princípios da política de Educação no Campo, do PPP do Setor Litoral e os próprios objetivos do meu PA buscamos valorizar a região e sua cultura.

Outro espaço em que vivenciei o ensino do entalhe foi na Casa Terapêutica Copiosa Redenção da Igreja Católica Romana. Nesta instituição, na beira da PR 557, ensinei entalhe para jovens e adultos que buscavam se recuperar da dependência química. Durante um semestre a arte era também parte da terapia com excelentes resultados. Neste lugar produzimos ferramentas que possibilitaram a continuidade do trabalho, mesmo depois que encerrei ali minhas atividades devido a outras demandas. Assim a experiência semanal de ensinar entalhe em espaços não formais, ou espaços formais não convencionais, como a ICH, se apresentava cada vez mais prazerosa tanto para mim quanto para os aprendizes.

Nesse aspecto a ICH – um dos três eixos pedagógicos de nossa formação no Setor Litoral – mostrou-se fundamental por ter sido um estágio formativo e interativo e me ensinou a ensinar, ou melhor, a compartilhar meus conhecimentos de entalhe e escultura em madeira. Esse espaço pedagógico também me proporcionou, através da mediação da Prof^a Dr^a Suzana Cini Nicolodi, a coleta de um rico material de estudo que foram as reflexões trazidas pelos diários escritos pelos participantes que passarei a descrever ao longo deste memorial e que apresento em documento completo no apêndice deste trabalho. Estes espaços acadêmicos são reforçados no objetivo do curso de Licenciatura em Artes¹⁰ que tem por intenção

desenvolver conhecimentos e experiências nos campos da arte-educação, na compreensão crítica da arte e na prática artística, que o processo ensino-aprendizagem é interdisciplinar e cria espaços para que o discente exerça a sua autonomia; e que é estabelecido um diálogo constante com as diferentes áreas de conhecimento, que propiciam o aprofundamento e compreensão da arte, a partir da multiculturalidade.

Essa projeção é reforçada nas especificidades contidas no Projeto Político do Curso – PPC - e reiterada na sua revisão e nova edição que se reporta às turmas ingressantes a partir de 2015, com um acento à formação para espaços não formais de educação, como segue:

O Curso de Licenciatura em Artes inserido no Projeto Político Pedagógico do Setor Litoral da UFPR objetiva entre outros, criar condições para o resgate da autonomia do sujeito,

¹⁰ In.: <http://www.litoral.ufpr.br/portal/cursos/artes/> Acessado em 13/05/2015.

e seu protagonismo, como base para o desenvolvimento sustentável da região. A partir da compreensão da educação como ferramenta essencial no processo de desenvolvimento local, e este, como exemplo para uma compreensão global, o Curso de Licenciatura em Artes propõe-se a formar professores preparados para intervir, produzir, apreciar, investigar e articular os diferentes saberes artísticos, os contextos sócios culturais e a educação. Acredita-se que o contexto educacional, social, cultural e artístico, no qual os estudantes estarão inseridos, amplificará o espaço e as possibilidades de valorização dos profissionais que irão atuar na educação formal e não formal, transformando e transmitindo as experiências que desenvolverão ao longo do curso. (PPC – Curso Lic. Artes, p. 11)¹¹

2.2 NEM TUDO FORAM FLORES, TAMBÉM HAVIA PEDRAS PELO CAMINHO

Quase ao final do primeiro semestre de 2014, recebi um telefonema da Direção do Setor da UFPR, o qual nos convocava eu e a minha companheira para uma reunião urgente. Para nossa surpresa soubemos de uma denúncia anônima junto ao Ministério Público em que entre outras acusações, estava a denúncia de que eu estaria sendo pago para ensinar na Universidade, usurpando o lugar de professor. Foi um golpe duro e fiquei muito triste pela injustiça e covardia, principalmente porque se tratava de denúncia anônima e sem qualquer comprovação.

Realizei minha defesa conforme orientação da Direção do Setor e não ouvi mais falar sobre o assunto. Deste momento em diante, decidi juntamente com a Prof^a Suzana que não ofereceria mais o espaço da ICH, ainda que professores e colegas se solidarizassem comigo e me pedissem que ignorasse o assunto.

Muitas outras portas se abriram e continuei a ensinar entalhe em outros espaços, em especial na comunidade Morro Alto.

Ofereci aulas particulares de entalhe a um grupo de aproximadamente cinco pessoas, continuando a produzir entalhes e esculturas. Ainda nesse período fui convidado e ensinar entalhe no Quartel e Corpo de Bombeiros, de Pontal do Paraná - PR

¹¹ In.: <http://www.litoral.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2015/04/Artes.pdf> Acessado em 13/05/2015.

2.3 A ARTE-EDUCAÇÃO NO QUARTEL

Desde então, semanalmente, todas as quintas-feiras nos reunimos para que soldados também sejam artistas no quartel do Corpo de Bombeiros de Pontal Paraná, nesta Corporação Militar, encontrei um espaço de grande generosidade e pessoas que têm orgulho de sua profissão e que buscam constante aperfeiçoamento.

Lá tive acesso a um material de apreensão ambiental – a madeira de mogno – rara e extraordinária, especialmente para a prática do entalhe. Nossa primeira obra foi um grande escudo que hoje embeleza a sede dos bombeiros de Paranaguá.

Estamos finalizando uma segunda obra nessa comunidade militar, produzida totalmente em mogno. É um quadro de 2m de altura por 1.75 cm de largura (foto abaixo) que representa o escudo da Corporação. Este brasão tem à sua frente uma imponente imagem de Netuno, deus dos mares e referência aos guarda-vidas que atuam incansavelmente em nossas praias. Ela será exposta no Quartel de Pontal do Paraná, sede das aulas.

O processo de execução vem sendo fotografado a cada etapa para ser transformado em material imagético. A professora orientadora que me acompanha desde o PA até este TCC esteve presente em uma aula na Corporação e colheu ótimas impressões sobre nossas realizações, bem como teve oportunidade de falar aos bombeiros sobre a importância dessas ações pedagógicas para a formação acadêmica.

[Digite texto]



Foto: Eduardo Biscaia

Em meados de 2014, com outros artistas da madeira, abrimos um espaço próprio de trabalho e exposição e vendas no centro de Matinhos, ao qual denominamos “Ateliê Nossa Arte” que em poucos meses recebeu muitos visitantes e tem atraído pessoas interessadas em aprender este ofício. Tal espaço já está ficando pequeno para nossas demandas atuais. Com este grupo alguns são estudantes do Setor Litoral, temos refletido sobre a criação de um local ampliado e permanente, onde outras linguagens artísticas também possam ser oferecidas para a comunidade. Como se trata de um sonho compartilhado com muitos, acreditamos firmemente em sua concretização.

3 AS EXPERIÊNCIAS NARRADAS PELOS APRENDENTES DA ARTE EM MADEIRA E A INTERAÇÃO CULTURAL E HUMANÍSTICA

Para rever e refletir sobre estes escritos busco relacioná-los à Metodologia Triangular, desenvolvida no Brasil por Ana Mae Barbosa (2009), que se baseia no tripé - fazer artístico, leitura de imagens e história da Arte – como um processo de apropriação de saberes artísticos desenvolvido para escolas.

Porém, de forma muito afinada com esta metodologia, tenho experimentado em espaços interculturais de aprendizado – ICHs – e outras instituições, o ensino de técnica de entalhe e escultura em madeira partindo da experimentação do fazer, construir obra de arte na madeira o que desperta a curiosidade para uma gama de conhecimentos teóricos e técnicos.

Assim esta prática leva à busca de embasamento e o aprendiz vai descobrindo as propriedades da madeira, suas variedades de cores, densidades, durabilidades, texturas...; as várias ferramentas necessárias para esta prática, ou seja, bedames, formões, goivas, gogivís...; os materiais para acabamento como anilinas, ceras, grosas, lixas, tintas, vernizes, no entalhe em baixo e alto relevo a noção de planos, aprendem como representar o que está mais próximo e o que está distante, como dar profundidade e movimento para uma figura esculpida em um suporte de madeira em 3 ou 4cm de espessura. Na escultura tridimensional o aprendizado envolve como estabelecer as proporções clássicas ou subvertê-las para servirem a um outro propósito, dentre outras tantas particularidades deste campo de saber.

Os desafios impostos pela prática geram uma saudável curiosidade que leva muitos aprendizes a pesquisarem outras técnicas, outros artistas, tanto nacionais como o caso de Aleijadinho, apenas para citar o mais conhecido no Brasil, mas também estrangeiros e obras como as portas e móveis de templos e castelos no mundo europeu, totens canadenses, arte oriental, etc.

Assim, partindo da prática muitos vão se apropriando de novas leituras de imagens, conhecendo as histórias que as circundam, solidificando mais seus saberes como defende Gonçalves; Eduarda em seu artigo Artista-Professor: uma operação poética. A mesma propõe “o imbricamento de vivência coletiva e expressão individual na aquisição e desdobramento de saberes, [...] resgatarmos nossa experiência

[Digite texto]

subjetiva nas inscrições cotidianas para experimentarmos o conhecimento que a Arte e a nossa vida nos descortinam”.

SOUZA (2013, p. 72) lembra o modo como o mestre Paulo Freire percebia a estética, conceituando a beleza como criação de boniteza (FREIRE, 1987) e que o artista, ou o aluno de arte, experimentará criar algo que lhe dê prazer, que, certamente, virá com a experiência em fazê-lo.

Esta boniteza criada é de vital importância para o crescimento cultural e da construção da identidade do ser humano, seguido pela postura reflexiva de consciência crítica que o artista exerce sobre sua produção. Essa boniteza pode ser um desenho criado a partir dos primeiros conhecimentos em um desenho com perspectiva, luz, sombra, uma coreografia, uma cena, uma expressão corporal ao entoar uma canção, ou ao aprender a tocar as primeiras notas em um instrumento. Para Freire (1987), a cultura transforma o homem e sua sociedade e é uma condição cultural de o homem captar o mundo e transformá-lo.

Nesta direção abordada por Freire, o texto do nosso Projeto Político Pedagógico do Setor Litoral enfatiza que este pretende ser muito “[...] mais do que uma formalidade instituída: uma reflexão sobre a educação superior (e em todos os níveis), sobre o ensino, a pesquisa e a extensão, a produção e a socialização dos conhecimentos, sobre o aluno e o professor e a prática pedagógica que se realiza na universidade” (VEIGA, 2004, p. 25), bem como nos demais espaços onde ela ocorrer.

Muitos foram os espaços onde este PPP permitiu que eu vivenciasse o ensino do entalhe e escultura em madeira: Morro Alto em Morretes, Estação das Artes, Copiosa Redenção, ICHs e Corpo de Bombeiros em Pontal do Paraná; com estas experiências me reconheci e “tomei gosto” pela docência da Arte o que ressignificou minhas convicções anteriores de que ser professor não estava em meus planos.

Diante da relevância dessas experiências para tal ressignificação, elegemos o espaço da ICH como o que permitiu mais reflexões sobre minha própria formação acadêmica, considerando o processo de mediação em que a Prof^a Suzana buscava no coletivo refletir sobre as interações humanas e de saberes que ali aconteciam.

Nas ICHs ofertadas, no início de cada semestre, era solicitado e estimulado que os integrantes – independente de serem estudantes ou da comunidade –realizassem ao final de cada encontro um registro com as impressões do dia para, além de ser possível acompanhar o desenvolvimento e percepções ao longo do percurso, ser socializado com o grupo no final do semestre. Chamamos esta atividade de diário de bordo. Embora a orientação para o preenchimento do diário fosse a mesma para todos, nos surpreendeu a riqueza e diversidade dos depoimentos, nos revelando como a atividade do entalhe foi vivida e significada de forma única por cada sujeito. Vale salientar que todos os participantes foram consultados e autorizaram a utilização deste material neste trabalho.

Assim, passo a destacar os depoimentos dos participantes da Interação Cultural Humanística que ocorreram nos anos de 2012 e 2013, que como também já mencionei é resultado de meu Projeto de Aprendizagem, que ora culmina neste trabalho de conclusão da formação acadêmica.

Os depoimentos por escrito são por volta de quarenta, também há material em gravações e fotos; usarei somente fragmentos dos escritos dos participantes das ICHs, destacando alguns deles que exemplificam as recorrências: o reforço e importância deste espaço pedagógico de interação humana, a solidariedade, a cooperação, exercícios de paciência, de persistência e forte presença de alegria na aprendizagem da arte em madeira.

Esses depoimentos foram agrupados conforme a convergência do que traziam; alguns excertos abaixo apresentados exemplificam tais ênfases; a forma de caracterizar as pessoas será através das iniciais do nome, curso e ano de ingresso na graduação; mesclam turmas dos vários cursos do diurno e noturno, ao longo de três semestres, em um deles em dois turnos o que resultou em quatro grupos distintos. E como mencionado também havia em cada grupo pessoas da comunidade externa, algumas inclusive vindas de Paranaguá e Morro Alto/Morretes.

[Digite texto]

A seguir trago fragmentos que fazem alusão à descoberta da Arte, do artista em potencial que há em cada ser desde que este tenha acesso à formação e aos meios de produção:

A cada semana foi uma nova descoberta. Gostei muito de ter participado e espero continuar. O entalhe me proporcionou exercitar a criatividade e a paciência. Além de ser um prazeroso hobby, algo que me chamou muito a atenção nesta ICH foi a cooperação entre os estudantes, seja no empréstimo “uso coletivo dos materiais”, como na troca de saberes. Ao contrário de vários espaços que participei na Universidade, nesta ICH eu pude observar a real Interação Cultural e Humanística, a qual o eixo pedagógico propõe. (Acadêmica A.P.K - Curso GDL – Turma 2009)

A cada encontro desta ICH experimento sensações diversas de bem estar, de paz, de tranqüilidade e de alegria por estar conseguindo realizar trabalhos que estão me dando muita satisfação. Nossos mestres com dedicação e carinho, oportunizam momentos tão gostosos de interação e descontração. Ter o Jessé como nosso mestre e Suzana como mediadora foi um grande privilégio para todos. (Acadêmica I.I.O. – Curso LinCom – Turma 2012)

Estou trabalhando numa madeira com desenho de bambus... Existem artistas no entalhe que estão aparecendo a cada aula. A experiência com a madeira, com a transformação dela é apaixonante. Hoje 27/02/13 terminei meu entalhe de bambus, fiz troca [da peça] com um amigo de aula... [] Hoje terminei uma placa com o nome do meu filho e ficou bem bonita. (Acadêmica S.C.S.S – Curso Lic Artes – Turma 2011)

As várias possibilidades de aprender algo, seja na Arte ou não, são mais proveitosas quando há gosto neste aprender. Terezinha Rios (2008) lembra que saber e sabor têm a mesma origem etmológica e que a gratificação por aprender se torna potência para enfrentar os desafios próprios do processo. Muitas foram as vezes em que a professora mediadora e eu ouvimos nossos companheiros de ICH afirmarem isto, que não se imaginavam capazes de produzirem alguma obra de arte que pudesse ser admirada por eles e por outras pessoas.

[Digite texto]

Do lugar de novos saberes percebemos e vivemos uma práxis, pois era da prática, da obra, do concreto, dos desafios a enfrentar, das curiosidades que o processo instigava que muitos buscavam aprender mais sobre o universo da madeira e dos seus desdobramentos em Arte. Dewey (2010) defende que à medida que o aluno se apropria de novas técnicas, formas, estilos e temáticas atuais, apresentará sua produção sensível, impregnada de significados.

Como artista de Artes Visuais sempre procuro novos aprendizados. Ressalto nesta proposta da ICH a bagagem oferecida pelos proponentes, sua dedicação e principalmente paciência em repassar seus conhecimentos. A experiência é o grande mote proposto pela oficina, o gosto e reconhecimento de cada tipo específico de madeira, ferramentas, etc. tudo foi sempre bem colocado e exemplificado, proporcionando uma grande troca dentro da oficina. A oficina desenvolveu um trabalho de teoria e prática, acrescida de bons resultados, sendo de grande valor cultural e imagético, apresentando novas formas de pensar a Arte como conhecimento e inventividade humana. (Acadêmico A.R.F.S. – Curso Lic. Artes – Turma 2012)

Nesta reflexão temos que considerar que aprender sobre Arte pode ser um processo que venha do fazer artístico, da fruição dela mesma, da descoberta do sujeito criativo que há no humano e que quanto mais arte produz, mais se humaniza porque recria sua expressão e relação com o entorno, ressurgindo a cada obra como potência inventiva. Sobre isto Dewey (2010, p 212) afirma que

A arte joga fora os véus que escondem a expressividade das coisas vivenciadas; instiga-nos a sair do marasmo da rotina e permite que nos esqueçamos de nós mesmos, descobrindo-nos no prazer de experimentar o mundo à nossa volta, em suas qualidades e formas variadas. Intercepta todos os matizes de expressividade que se encontram nos objetos e os ordena em uma nova experiência de vida.

Impressiona-me muito ao reler estes materiais perceber como há no sentimento do estudante vindo de processos educacionais tradicionais uma frustração, um desencanto, algo que lhe puxa à desistência, à uma leitura desanimada de si e de sua capacidade de aprender. Para que se aprenda algo, ouvir, ler, refletir são momentos naturalizados, mas fazer é algo raro. A arte implica acontecimento, é matéria, é audível, admirável, palpável, experimentável... sem acontecimento ela não está. Portanto lançar-se ao acontecimento artístico resulta em aprendizagens de campos distintos, inclusive sobre si mesmo e a capacidade de persistir. Souza (2013, p. 75) no artigo A arte de ensinar, aprender e fazer Arte reforça que “não é só emoção que

[Digite texto]

orienta a produção artística. Há também elementos técnicos, conhecimento dos contextos histórico, social e psicológico, todos envolvendo o universo da aprendizagem artística [...] o aluno vivencia a linguagem artística, com todos os sentidos” e havendo elementos técnicos, conhecimentos, etc, são passíveis de cognição racional e podem ser aprendidos.

Nas primeiras horas já desanimei, eu realmente achava que não ia conseguir. Demorei dois encontros para terminar minha flor e aí mudei totalmente de idéia, realmente entalhe era interessante, praticamente uma terapia. Logo queria começar outra arte, outro entalhe. O que mais me motivou foram os elogios e até encomendas eu recebi. Fazer letras foi bastante complicado, ali, enquanto entalhava letra por letra, a vontade de desistir era grande, eu errava muito e o Jessé vivia junto comigo na peça. Esta foi trabalhosa e demorou algumas quartas, mas ficou um luxo e está agora enfeitando a entrada da Escola, fazendo-a ganhar mais vida. Foi aí que vi que entalho por amor e não quero mais parar, que virou uma paixão. (Acadêmica B.V. – Curso Lic. Artes – Turma 2011)

Estou aprendendo ainda com bastante dificuldade neste primeiro dia, mas acredito que até o final terei mais facilidade. Segundo dia: consegui aprender bastante e aperfeiçoar meu trabalho. Terceiro dia: hoje fiquei apenas observando meus colegas trabalharem. Fiquei admirada com os trabalhos realizados, vejo que alguns têm muita facilidade e criatividade. Estão lindos! (Acadêmica A.C.L.C. – Curso Lic. Artes – Turma 2011)

A alegria em dar uma boa notícia aos outros também era constante, um querer chamar um ente querido para ali estar, para compartilhar desta fruição. Dewey (2010) reforça em toda a sua obra sobre A Arte como experiência (2010) que a aprendizagem é um contínuo processual que adere nossa memória emotiva, que se aprende em processo e não em uma experiência isolada, que estas experiências são potência de transformação e o resultado, o desfecho do processo será uma experiência com qualidade estética.

Quando entalho as batidas no formão se confundem com as do coração, posso sentir a madeira, a ferramenta, cada peça terminada é uma parte de mim, algo que eu produzi que me fez feliz e talvez mais pessoas se sintam bem olhando para elas, não como algo perfeito, mas como parte dos meus sentimentos, parte de quem eu sou e eu nem chego perto da

perfeição. Minha técnica e meu conhecimento em entalhe, escultura e madeiras aumentam a cada semana com a ajuda do grupo e em especial, do mestre e amigo Jessé (Acadêmico F.V.S. – Curso Gestão Pública- turma 2012)

Através do meu irmão (aluno da UFPR) eu conheci o entalhe, comecei já na segunda quarta feira, fiz 15 quadros entalhados e gostei muito e também o professor Jessé me orientou muito bem. Com a ajuda do meu irmão eu descobri essa arte que gostei muito eu acho importante a continuidade do ICH, para que mais pessoas que não sabem que isso existe, aprendam com o nosso grande professor Jessé. (A.A.M.B. - Oitavo ano – colégio Gabriel de Lara)

Comecei na primeira quarta-feira onde fiz minha primeira placa. Quando vieram as férias de verão o professor Jessé nos cedeu ferramentas. Eu e meu irmão entalhamos diversas peças, onde pudemos obter renda. O mais prazeroso é poder presentear as pessoas com uma arte criada por ti mesmo. Dentro do ICH, pude me relacionar com pessoas que se não no ICH, não me relacionaria por motivos diversos. (Acadêmico J.A.M. – Curso Agro ecologia – Turma 2011)

Outro destaque era perceber que as pessoas se avaliavam com alegria em seus avanços, se viam aprendendo e trocavam ânimos e suas aprendizagens e foram se fazendo professores uns dos outros, melhorando as respostas na obra que produziam e assim os saberes eram a forma de interação e a esta era a nossa maior humanização, nos fortalecíamos uns nos outros a cada superação e descoberta. O fato de poder contar em boa parte do processo com o apoio de um ex aluno de entalhe - o Biva – fazia com que os estudantes mais iniciantes vissem até onde era possível chegar, o Biva, acadêmico da Licenciatura em Ciências se tornou um grande mestre do entalhe e escultura em madeira.

A ICH tem sido uma experiência muito interessante evolui mais um pouco no trabalho, tem sido muito interessante acompanhar a evolução dos outros participantes. Tornei a modificar meu entalhe, mas gostei das mudanças (risos) tem sido muito animados os encontros do ICH de entalhe, muito prazeroso e estimulante o espaço e o que ele proporciona. A experiência desses ICH foi fantástica, a paciência para ensinar do Jessé e o auxílio do Biva, trouxeram para mim a vontade de continuar a entalhar e fazer mais cursos de

capacitação dentro da técnica. (Acadêmica C.M.M. – Curso Artes – Turma 2012)

Foi bem interessante, pois nunca tinha feito antes, fiquei empolgado. Segundo dia eu fiz um símbolo indiano, foi bacana e difícil, Pois não havia feito curvas até então, dei o trabalho de presente. Terceiro dia: fiz um entalhe para minha namorada, não apresentou grandes desafios. Quarto dia: fiz um presente para minha mãe. Férias de verão: peguei ferramentas emprestadas com o Jessé e fiz presentes e outras experiências, aprendendo bastante. Depois das férias comecei trabalhos mais difíceis. Achei maravilhoso o ICH. E creio que descobri um hobby para a vida. (Acadêmico B.A.S. – Curso Agro ecologia – Turma 2012)

Comecei a fazer o desenho na madeira e entalhar, percebo que tenho facilidade para esse trabalho. (Acadêmico A.F.S.L. - Lic. Artes – turma 2011)

Havia repetidas alusões ao importante fato da ICH ser um espaço terapêutico, de hobby, de lazer, de contentamento, de sabor...

Comecei a entalhar no ICH Feito a Mão e gostei. Agora que tem o ICH de entalhe vou dar continuidade. O entalhe é uma coisa que quando se começa não se quer parar. O Jessé é um grande entalhador e consegue passar uma grande experiência do que faz e sabe como passar. (Acadêmica A.M.A.I. – Curso Saúde Coletiva – Turma 2011)

A gente esquece-se dos problemas. Parei de reclamar de ir de Paranaguá para Matinhos (duas horas de ônibus). O ICH revelou um lado criativo que eu tinha e não sabia. Terapia para que? Bem melhor “brincar” de entalhe, sei que muitas pessoas sobrevivem disso, mas esta experiência me despertou um hobby o qual vou levar para o resto da vida. Obrigada Jessé pelos ensinamentos e paciência e obrigada Suzana pelo acolhimento. (Acadêmica G.A.S. – Curso Gestão Pública – Turma 2009)

Gostei de trabalhar desde o início, pois é realmente gostoso. Só tenho a elogiar e agradecer a disponibilidade do Jessé o ambiente e a aprendizagem (Acadêmica M.C.F. – Curso Lic. Artes – turma 2012)

Empolguei-me tanto que começava a entalhar e não queria mais parar. (Acadêmico A.L.V. – Curso Serviço Social – Turma 2011)

É ótimo a sensação de desempenhar algo prazeroso, que te leve a esquecer a correria e te proporciona satisfação em todo o processo (Acadêmica D.P.S. – Curso Lic. Artes – Turma 2013)

E se aprender se torna bom, prazeroso, interativo e com um processo humanizado e humanizante, permanecer ali pode ser opção, um direito até, mais do que um espaço protocolar da formação acadêmica, é um lugar da boniteza freireana (1987), onde o aprendizado se confunde com a gentificação e a amorosidade. É uma experiência na expectativa e no valor dado por Larrosa (2002) “o que vou lhes propor aqui é que exploremos juntos outra possibilidade, digamos que mais existencial (sem ser existencialista) e mais estética (sem ser esteticista), a saber, pensar a educação a partir do par experiência e sentido”. (p. 20)

Vim para este ICH para pagar pendência de ICH, mas a interação que tive com a turma foi bem bacana e o Jesse é um mestre super atencioso. Além de trocar experiência pudemos nos surpreender com nossa capacidade de construir para além de amizades, obras de arte. (Acadêmica Inês – Curso Saúde Coletiva – Turma 2009)

Minha participação se deu por uma necessidade de complementação de horas, logo em seguida eu descobri que não precisava mais destas horas, aí sim vi o quanto a ICH de entalhe em madeira tem sido importante, não há obrigatoriedade na minha participação e isto faz toda a diferença. As técnicas foram muito bem explicadas, mas acho que o mais importante para mim foi às relações com as pessoas. Não nos conhecíamos antes, e foram bem proveitosos os momentos em que nos reuníamos e compartilhávamos os erros e acertos de nossos trabalhos. (Acadêmica L.B.S.P. – Curso Informática e Cidadania)

Relembrando que o PPP do Setor Litoral afirma que seus três eixos pedagógicos, devem permitir conhecer e compreender – compreender e propor para sustentar o propor e agir, cooperando para impactar o desenvolvimento sustentável desta

[Digite texto]

Região¹², foi esta formação-ação que me permitiu vivenciar algo que sempre fez a alegria do meu pai e mestre: partilhar os saberes e com eles aprender, refletir e buscar fazer melhor.

Considerando que o objetivo do meu PA desde sua gênese foi **compor ambientes estimuladores para a expressão artesanal do entalhe em madeira, vivenciando com os sujeitos envolvidos o prazer pela produção artesã, atrelada especialmente à educação e sensibilização à iconografia caiçara**, me sinto pleno e feliz. Talvez a mais caiçara de todas as coisas tenha sido nosso modo de conviver. Quanto à iconografia ainda há muito a buscar e mostrar para que seja reconhecida, admirada e traduza a alma de seu povo, especialmente ao turismo que pouco reconhece em que terras pisa quando aqui chega e de que alma é feita a história de seu povo .

Este ICH foi de extrema importância para a minha vida, pois tenho o sonho de me tornar construtor de instrumentos musicais em madeira. Consegui fazer um tambor (jambê) e um croqui de charango (instrumento de cordas andino) (Acadêmico M.Q.S.C. – Curso Lic Artes – Turma 2012)

Foram momentos de terapia para mim. O que mais me chamou a atenção foi à paciência do Jessé. Sua calma é algo que nos contagia e motiva, eu acredito que esta qualidade nele é o motivo que o torna um excelente profissional. (Acadêmica S.B.O. – Curso Serviço Social – Turma 2011)

Esclareço algo que deixei aparecer ao longo dos excertos destacados neste memorial, o que em tempos anteriores não o faria por uma modéstia inculcada, mas aqui tem um significado muito especial que me foi possível entender mais cedo pela mediação da Prof^a Suzana que me instigava a olhar para os acontecimentos na minha subjetividade ao longo de tantos anos de parceria; e agora na análise do material dos ICHs posso me expor e trazer alguns destaques sobre o meu modo de ensinar. Estas palavras foram definitivas para que, me ouvindo e lendo, fosse absorvendo a novidade

¹² Para maiores detalhes vide: http://www.litoral.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2015/02/PPP-UFPR-LITORAL_Set-2008_Alteracao_Dez-2008.pdf

[Digite texto]

de que eu era um mestre, um professor, alguém que ensinava. Através disso reconheci a grande alegria que moveu a vida de meu pai. Larrosa (2002, p. 24) afirma que

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.

Vários foram os depoimentos a respeito do valor deste espaço e da alegria de aprender e de vivenciar isto em um clima intenso de cooperação e reconhecimento do valor do PPP de nosso Setor, este contentamento e reconhecimento perpassou em mim enquanto acadêmico-professor, coisa que só aqui seria possível.

A proposta das ICHs é muito atrativa, por sair da sala de aula e vivenciar essa interação de fato entre as pessoas diferentes das quais estamos inseridas na rotina, abrange uma troca sincera e maior entre todos. Ao vivenciar algumas propostas durante o semestre, e mais precisamente a ICH de entalhe em madeira, considero a atividade mais importante no meu processo de aprendizagem e da maneira que melhor me identifico. Nesta ICH a comunicação ocorre de maneira linear, onde o conhecimento é construído coletivamente e na prática com a participação de todos. O professor Jessé ensina as técnicas aprendidas em suas vivências e oferece suas próprias ferramentas. Acredito no PPP proposto por este Setor da Universidade e trago todo um caminho percorrido anteriormente como aluna. Estar inserida no projeto neste momento e ciente de minhas dificuldades como aluna e das dificuldades que o Setor está enfrentando, respeitar tudo o que já foi citado e me sentindo a vontade dentro de um diálogo circular e pacífico onde todos têm a contribuir para um bem maior e em comum que é a educação é que afirmo que participar das ICHs foi um dos principais pontos na decisão em continuar o curso por mais tempo. (Acadêmica A.C.R. – Curso Gestão Ambiental – Turma 2012)

Assim que comecei com o ICH já notei a diferença dos demais que já tinha participado, esse eu tinha vontade de estar presente não estava ali apenas para presença, não estava por obrigação, mas sim por prazer, gostei muito do que fiz, do que aprendi das pessoas que compartilhavam o mesmo espaço, era perceptível que nos possuíamos o mesmo sentimento. O entalhe em madeira me encantou o fato de pegar algo bruto e em instantes começar a dar outra aparência para o objeto é uma sensação incrível, faz você sentir-se capaz. (Acadêmica D.C.S. – Curso Ciências – Turma 2012)

O conhecer-compreender-propor e agir que pautou os FTPs, PA e ICHs em minha formação e na formação de muitos colegas e outras pessoas que fizeram parte desse convívio, permitiu um entrelace de tal modo entre estes eixos que um seria impossível sem o outro. Em todos os FTP eu relacionava, lembrava do meu PA como forma de pensar e refletir aquilo que propunha através da ação cotidiana vivida nas ICHs. O projeto do Setor Litoral permitiu minha inserção na vida da comunidade acadêmica mesmo antes de prestar vestibular, me fez participante das lutas das comunidades durante a minha graduação e me permitirá ser ativo nas suas proposições para bem depois do esgotamento do meu GLR.

Ainda é possível perceber que a Metodologia Triangular é densa nos movimentos pedagógicos vividos na experiência que pude narrar, mesmo que ela tenha sido pensada para espaços formais de ensino da Arte. Entretanto a Arte sempre transcende as fronteiras da academia, pois ela é dinâmica e livre. Acredito que nisso também resida o grande potencial do PPP: a vivência de uma experiência criativa e livre que só tem sentido em plena interação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As palavras com que nomeamos o que somos, o que fazemos, o que pensamos, o que percebemos ou o que sentimos são mais do que

[Digite texto]

simplesmente palavras. E, por isso, as lutas pelas palavras, pelo significado e pelo controle das palavras, pela imposição de certas palavras e pelo silenciamento ou desativação de outras palavras, são lutas em que se joga algo mais do que simplesmente palavras.

Jorge Larrosa (2002).

Nas considerações que finalizam esta reflexão de jornada acadêmica da experiência de ressignificação e de encontro íntimo com a **nominação de Professor de Artes**, cumpre retomar alguns pontos e tentar dar sentido ao todo.

Neste memorial procurei refletir sobre os as relações entre as proposições dos espaços pedagógicos do Projeto Político Pedagógico – PPP - da UFPR - Setor Litoral – PA – ICH e FTP - e a experiência vivida durante a formação acadêmica, em suma, como esses propósitos se consolidaram em mim.

Busquei enfatizar que foi a liberdade curricular desses eixos permitiu a vivência de um processo de arte-educação mais criativo e interativo durante a formação, o que se consolidou mais intensamente fora das rotinas escolares comuns vividas nos estágios curriculares, ou seja, ali onde foi possível criar, interagir, experimentar com curiosidade, foi também possível mais intensa amorosidade, o afetar-se por um lugar de humanização. Porém no conjunto do Setor sinto a falta de uma discussão sobre a complexidade da questão cultural, nas relações sociais e políticas, temática que tive oportunidade de problematizar na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS – em São Leopoldo por longos anos nos debates interreligiosos que buscavam enfrentar as hierarquizações culturais nesse campo. Creio que isto fortaleceria uma posição política diante das questões culturais no enfrentamento dos projetos universitários, historicamente tradicionais.

Na experiência do Projeto de Aprendizagem – PA - me construí um mestre, as ICHs foram um espaço para o espetáculo acontecer, com notável veio humano, estético, solidário e desde ali me fiz inesperadamente um professor. Fui sendo entalhado professor através das palavras. Nas FTP's, o aporte do pensamento de autores como Ana Mae Barbosa, Paulo Freire, entre outros, possibilitou significação acadêmica destas experiências e sua relevância ao campo da arte-educação. Fui

[Digite texto]

exposto à experiência da docência por meio do ensino da arte na madeira, fui construído e me reconheci nesse ofício na medida em que o experimentei. Larrosa (2002) me ajuda a entender esse alcance pois afirma que “ é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se ex-põe. É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre” (2002, p. 24). Agora posso fazer o juramento dessa profissão com a força política e ética que requer um momento assim.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

[Digite texto]

BARBOSA, Ana Mae Bastos e COUTINHO, Rejane Galvão (orgs). **Arte educação como mediação cultural e social**. São Paulo: Unesp, 2009.

DEWEY. John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FREIRE, Paulo. **Boniteza de um sonho: ensinar - e - aprender com sentido**, São Paulo: Simpro SP, 2003

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais**. São Paulo: Cortez, 2010.

GONÇALVES, Eduarda. (mimeo)

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. In: **Revista brasileira de Educação**. Nº 19 Jan/ Fev/Mar/Abr 2002.

MAINA, Naila, **A arte educação em espaços escolares e não escolares, da cidade e campo no município de Morretes- PR**. Matinhos: UFPR Setor Litoral, 2014.

NEGO. Miranda e CARVALHO, Maria Cristina Wolff de. **Paraná de madeira**. Curitiba: Gráfica Santa Maria, 2005.

RAMOS, Onofre Machado. **Cantos que eu canto**. Porto Alegre: Ed Metrópole, 1978.

RIOS, Terezinha Azeredo. **Compreender e ensinar, por uma docência da melhor qualidade**. São Paulo: Cortez, 2008.

SOUZA, Clauderice de Oliveira Ferreira. A arte de ensinar, aprender e fazer arte. **Cadernos de Educação**. v. 13, n. 25, jul. dez. 2013.

Universidade Federal do Paraná – UFPR – Setor Litoral. **Projeto Político Pedagógico**. In. –http://www.litoral.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2015/02/PPP-UFPR-LITORAL_Set-2008_Alteracao_Dez-2008.pdf. Acessado em 09/05/2015.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Educação Básica e Ensino Superior: projetopolítico-pedagógico**. Campinas, SP: Papirus, 2004 In Projeto Político Pedagógico da Universidade Federal do Paraná - UFPR - Setor Litoral, 2010.

APÊNDICE

PROPOSTA DO PROJETO DE APRENDIZAGEM

[Digite texto]

1 IDENTIFICAÇÃO

Mediadora: Prof Dra Suzana Cini Freitas Nicolodi

Jessé Castro Ramos – Licenciatura em Artes - GLR 20110275

Período: 2011 a 2014

Público alvo: Estudantes e servidores da UFPR Litoral, estudantes visitantes e pessoas das comunidades.

Colaboradores: profissionais, acadêmicos e outros voluntários.

2 APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA

O litoral do Paraná apresenta riqueza natural de cores, formas e texturas que permitem desenvolver a estética da sensibilidade, apurando-a no cuidado e aproveitamento responsável dos bens que a natureza oferece. A madeira é um dos elementos naturais que aqui é vastamente encontrado em condições de uso e aproveitamento das porções devolvidas pelo mar, descartadas ou mesmo daquelas já transformadas em móveis ou outros utilitários.

O fato é que a expressão plástica do entalhe em madeira permite desenvolver habilidades motoras, artísticas, de proveito de materiais disponíveis sem qualquer impacto ambiental, gerando ainda a possibilidade de criar alternativas artesanais que fomentem a busca iconográfica da cultura regional e modos de materializá-la, difundindo-a, gerando ainda possibilidades de formação para a geração de processos pedagógicos em arte-educação e geração de renda.

Assim considerando, este Projeto de Aprendizagem originou-se da possibilidade de apresentar alternativas de interação da arte com a educação, despertando o gosto pela expressão do belo que pode ser estimulada, permitindo a Interação Cultural e Humanística entre os envolvidos e aqueles que dessa arte venham fruir.

Desde antes de minha entrada no curso de Artes, até o momento foi possível desenvolver cinco diferentes grupos de aprendizagem no Litoral do PR, todos voltados para a artesanaria entalhada em madeira. Foram diferentes públicos das Comunidades Urbana e Rural de Morretes e Matinhos, junto à UFPR Litoral.

A interação ocorre do ponto de vista humano, cultural e da arte-educação e a formação acadêmica em Licenciatura em Artes assume um caráter permanente de

[Digite texto]

conhecer-compreender-propor e agir com uma vivência artística capaz de ter desdobramentos sociais, em diferentes espaços.

Cabe destacar dois espaços bastante peculiares, um deles aconteceu durante quatro meses em uma instituição de recuperação de pessoas com dependência química, lá foi possível ser acompanhado por colegas que já haviam aprendido o entalhe em um desses grupos citados e se dispuseram a apoiar o processo nesta Instituição. Lá foi possível utilizar madeiras de reaproveitamento e inclusive construir ferramentas próprias para o entalhe. A relação dos sujeitos - em tratamento para a dependência química – com a experiência semanal do entalhe e do fazer artístico foi imensamente proveitosa, invariavelmente os jovens e adultos participantes produziam peças para presentear suas famílias e afetos quando eram recebidos em visitação aos mesmos; era como se traduzissem suas possibilidades produtivas e em direção à sua auto-estima e vidas.

Outra experiência, foi efetivada semanalmente na Comunidade Rural do Morro Alto em Morretes. Esta Comunidade é composta por vinte e duas famílias que vivem imersas na Mata Atlântica e têm na única escola pública municipal seu referente institucional e participativo. Várias são as atividades da UFPR Litoral com esta comunidade desde as enchentes e deslizamentos de março de 2011 e o entalhe em madeira é uma delas. Lá, assim como em outros locais, também participam crianças, adultos e idosos, todos aprendem juntos e fizeram uma primeira exposição de suas obras na “Conferência das Cidades”, realizada no mês de maio de 2013 no teatro da cidade de Morretes. As demais experiências também contam com particularidades importantes, em especial destaque o fato de que algumas pessoas se identificam como **novos artistas** e se assim se dizem é porque somaram às suas identidades um traço capaz de traduzir beleza e possibilidades diante da suas vidas e daqueles que irão apreciar seus feitos.

Este Projeto de Aprendizagem objetiva compor ambientes estimuladores para a expressão artesanal do entalhe em madeira, vivenciando com os sujeitos envolvidos o prazer pela produção artesã, atrelada especialmente à educação e sensibilização à iconografia caiçara.

Os temas envolvidos:

[Digite texto]

- a relação da arte e educação;
- a arte e o artesanato e suas possibilidades educativas para o mundo sensível;
- a iconografia caiçara e suas possibilidades de representação em madeira;
- critérios de responsabilidade ambiental para manejo de madeiras;
- tipos de ferramentas, madeiras e seus usos;
- diferentes exercícios de entalhe;
- construindo a própria obra;
- avaliação.

3 RECURSOS

Recursos Humanos

Além da Professora-Mediadora são parceiros-natos: direção, docentes, técnicos, estudantes. Os parceiros-voluntários serão os estudantes visitantes e comunidade.

Recursos Materiais (indispensáveis)

- Mesa forte - tipo bancada de marceneiro
- Formões, grampos tipo C, anilina, álcool, cera.

4 AVALIAÇÃO

Observação processual aos princípios do - PPP: ICH PA e FTPs e PPC Artes.